

PROGRAMA DE SALA

CONCERTO INAUGURAL

© BRUNO SIMÃO

19 SET 18H30
TEATRO CAMÕES
LISBOA

20 SET 17H
C.C. OLGA CADAVAL
SINTRA

PIANO GEORGIJS OSOKINS
DIREÇÃO MUSICAL ANTONIO PIROLI
CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

2026—27

Teatro Camões, Lisboa

19 de setembro de 2026, às 18h30

Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra

20 de setembro de 2026, às 17h00

Apresentação do concerto de 19 de setembro
por Filipe Gaspar

CONCERTO INAUGURAL

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Concerto para piano n.º 25, em Dó maior, K. 503

I. Allegro maestoso

II. Andante

III. Allegretto

Maurice Ravel (1875-1937)

Daphnis et Chloé: Suíte n.º 1 (Nocturne, Interlude, Danse guerrière)

Daphnis et Chloé: Suíte n.º 2 (Lever du jour, Pantomime, Danse générale)

Piano **Georgijs Osokins**

Direção musical **Antonio Pirolli**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Duração aproximada: 60 minutos

Concerto para piano n.º 25, em Dó maior, K. 503, de W. A. Mozart

Concluído em 4 de dezembro de 1786, o *Concerto para piano n.º 25*, K. 503, representa um fim de ciclo na vida criativa de Mozart: com os *Concertos n.º 26*, K. 537 (1788) e *n.º 27*, K. 595 (1791), forma o último conjunto de obras que compôs segundo o género do concerto para piano. Estas antecedem um período em que a ópera ocupou o centro da sua atenção, com a criação dos principais títulos do seu catálogo: *Le nozze di Figaro* (1786), *Don Giovanni* (1787), *Così fan tutte* (1790), *Die Zauberflöte* (1791) e *La clemenza di Tito* (1791). Apesar de, com a exceção de *La clemenza di Tito*, dominar entre essas óperas o espírito bufo, o *Concerto n.º 25* aproxima-se mais de um estilo sério, descrito por alguns como «majestoso», de escala quase sinfónica.

Porventura, esse pendor não terá sido alheio à evolução estilística de Mozart, durante a última década da sua curta vida, que fazia antever a revolução que, entrado o século XIX, viria a ser operada em direção ao Romantismo pela geração de Beethoven. Por exemplo, a instrumentação do *Concerto para piano n.º 25* é mais «pesada» do que a empregue em concertos anteriores, de perfil mais camerístico. Veja-se o primeiro andamento, em marcha moderada, que recorre a instrumentos tipicamente militares, como trompetes e tímpanos, e assim evoca o espírito marcial de uma época marcada pelos alvores da Guerra Russo-Turca e pelos rumores revolucionários que então alastravam por França.

Este *Allegro maestoso* tem início com uma introdução solene da orquestra, oscilante entre acordes de tónica e dominante e um motivo de quatro notas tratado em contraponto que, a seguir, se transforma na dita marcha, cujo tema em Dó menor terá inspirado Rouget de Lisle na composição da *Marsehesa* (1792). A entrada do solista, com fraseados hesitantes, soa, por contraste, terna e delicada. Segue-se o segundo tema, em Sol maior, que recupera temas dos concertos K. 246 e K. 415. As várias ideias do andamento são unificadas em torno do motivo das colcheias, inclusive na secção de desenvolvimento, que se distingue pelo diálogo entre o piano, as cordas e os sopros, numa abordagem pouco comum em Mozart. O *Andante* central, mais lento, mas igualmente amplo em escala, tem uma expressividade mais lírica e contemplativa, próxima de uma ária, com destaque para a intervenção das madeiras. O *Allegretto*, em forma rondó-sonata, utiliza um tema derivado da gavota do bailado da ópera *Idomeneo*, composta por Mozart entre 1780 e 1781. O andamento caracteriza-se por frases longas em tercinas e, sobretudo, pelo dueto entre o oboé e o piano, em Fá menor, uma das passagens mais memoráveis do concerto.

Embora, à sensibilidade contemporânea, possa ser difícil perceber a dimensão desta obra, o *Concerto para piano n.º 25* assinala, de facto, um momento de transição na produção mozartiana, em que a experimentação formal e harmónica se alia a uma expressividade que prenuncia os caminhos que a música concertante haveria de percorrer no século seguinte.

Daphnis et Chloé (Suítes n.º 1 e n.º 2) de M. Ravel

Em 1926, perguntaram a Maurice Ravel quais eram as suas melhores composições. Ele não hesitou: «As minhas obras mais importantes são *Ma Mère l'Oye* e *Daphnis et Chloé*.»¹ Os bailarinos dos Ballets Russes talvez discordassem: atormentados pelo complexo compasso de 5/4 da «Danse générale», decidiram contar o ritmo, gritando, em uníssono, «Ser-gei-Dia-ghi-lev!» – as sílabas do nome do seu implacável empresário².

As suítes que hoje se escutarão foram extraídas por Ravel a partir de *Daphnis et Chloé*, o bailado que lhe fora encomendado pelo empresário Sergei Diaghilev em 1909, para a sua famosa companhia de bailado. O compositor apelidaria a obra de «sinfonia coreográfica», o que diz bastante acerca da grandiosidade da versão original, em três partes caracterizadas por um tratamento orquestral luxuriante. A visão de Diaghilev reuniu, para além de Ravel, Michel Fokine como libretista e coreógrafo e Léon Bakst como cenógrafo, com os lendários Vaslav Nijinsky e Tamara Karsavina nos papéis principais. O romance pastoral grego homónimo (séculos II ou III), escrito por Longo, foi a fonte de inspiração de Ravel, que idealizara uma recriação do mito grego ao estilo de pintores franceses do século XVIII, como Watteau. Bakst e Fokine preferiram, contudo, uma abordagem orientalizante mais exuberante que, por colidir com o requinte intimista

1 Entrevista a Maurice Ravel publicada no jornal *Berlingske Tidende* de 30 de janeiro de 1926.

2 Esta memória foi contada pelo bailarino Serge Lifar (1905-1986) no seu livro *Serge de Diaghilev*, editado em 1939, em Paris.

do compositor, perturbou o decurso dos ensaios e, conseqüentemente, o sucesso da estreia.

O drama tem lugar na ilha de Lesbos, onde os pastores Daphnis e Chloé trocam juras de amor até serem separados por um rapto de piratas. Em desespero, Daphnis invoca Pã, que, recordando a ninfa Syrinx, intercede e resgata Chloé. Ao amanhecer, os pastores reencontram-se e encenam, em tributo ao deus, a história de Pã e Syrinx, culminando numa dança geral de júbilo dionisiaco. As duas suítes não correspondem a uma narração contínua da trama; são, sim, «frescos sinfónicos» autónomos, independentes da dança e do cenário, que funcionam como quadros dos momentos principais. A *Suíte n.º 1* é composta pelos andamentos «Nocturne», «Interlude» e «Danse guerrière», evocando os rituais noturnos da ilha e terminando com a violência da invasão pirata. A *Suíte n.º 2*, mais extensa e mais célebre, inclui o «Lever du jour», «Pantomime» e «Danse générale», transportando-nos para a alvorada do reencontro, o ritual às divindades e o júbilo celebratório final.

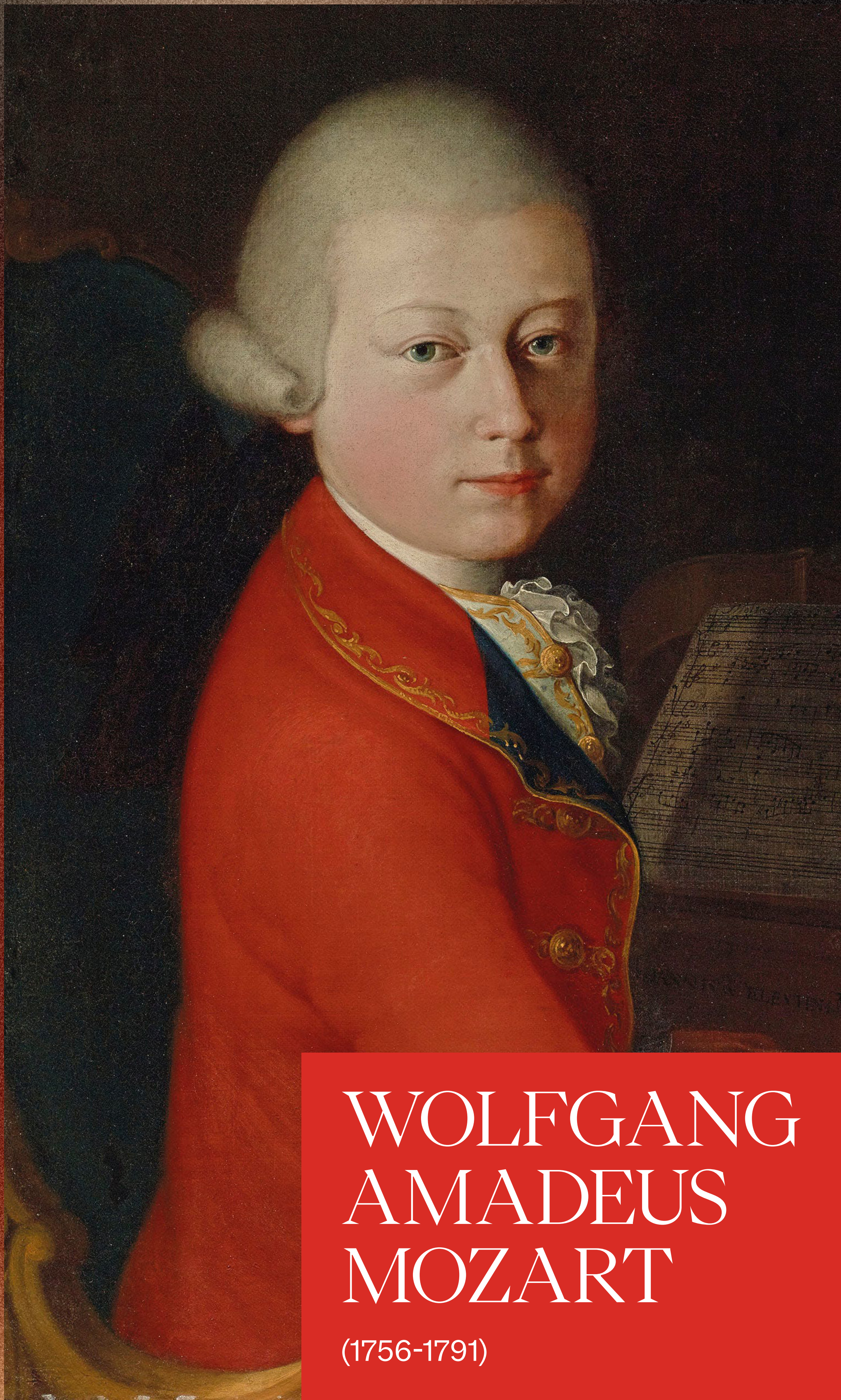
O bailado e as duas suítes representam o apogeu da cultura orquestral francesa do princípio do século XX. A orquestração atinge aqui dimensões colossais, no uso extensivo dos naipes das madeiras, metais e percussão. Escutem-se as cores dos solos da flauta, do oboé, do clarinete e do corne inglês. O «Lever du jour» da *Suíte n.º 2* esboça uma das mais sublimes representações sonoras da natureza. O murmúrio noturno e o despontar da aurora são recriados por *tremolos* das cordas e pelo canto dos pássaros nas flautas. A complexidade rítmica, tão desafiante para os bailarinos da estreia, é também um dos traços distintivos da inventividade e da eloquência da obra. É, porém, a cristalina paleta harmónica, sobretudo o

modalismo, que mais matizes confere à obra, contrastando com abordagens impressionistas mais difusas. A «Danse générale», com que se encerra a *Suíte n.º 2*, configura um turbilhão de energia que nos conduz a um clímax avassaladoramente festivo.

Não obstante os desafios da estreia absoluta do bailado em 1912, o tempo acabou por consagrar a música de *Daphnis et Chloé* como o ponto mais alto da produção de Maurice Ravel e um marco no repertório sinfónico do século XX.

FILIPPE GASPAR

Musicólogo



WOLFGANG AMADEUS MOZART

(1756-1791)



MAURICE
RAVEL

(1875-1937)



© DR

GEORGIJS OSOKINS

Piano

De nacionalidade letã, Georgijs Osokins projetou-se para a linha da frente dos mais consagrados pianistas da atualidade «pela sua forma cristalina, fortemente depurada com um toque quase mágico e uma intuição perfeita de tempo musical» (*Online Merker*). O seu primeiro álbum, *For Arvo*, foi lançado no outono de 2025, com a obra integral pianística de Arvo Pärt, incluindo a sua transcrição para piano de *Fratres*, autorizada em exclusivo pelo compositor, e *Hymn to a great city*, para dois pianos, com Martha Argerich. Conquistado o reconhecimento mundial desde a sua participação na 17.^a edição do International Chopin Piano Competition, tem-se apresentado em recitais a solo e em concertos de câmara, em importantes palcos por toda a Europa e Ásia. A sua tremenda habilidade em dar nova vida ao repertório clássico de Bach, Scarlatti, Arvo Pärt e Pëteris Vaks, entre tantos outros, colocou-o no firmamento estelar do mundo da música clássica. De compromissos recentes e futuros, destacam-se colaborações com a Orquestra Filarmónica de Monte Carlo, a Orquestra da Suisse-Romande, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Kremerata Baltica, a Orquestra Sinfónica National da Letónia, a Orquestra Filarmónica de Israel, a Orquestra de Câmara da Dinamarca, a Orquestra Sinfónica Metropolitana de Tóquio, a Orquestra Filarmónica de Varsóvia e a Orquestra Filarmónica NIM de Breslávia.



© BRUNO SIMÃO

ANTONIO PIROLLI

Direção musical e Maestro titular
da Orquestra Sinfónica Portuguesa

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© BRUNO SIMÃO

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos com um vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em recitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.



© BRUNO FRANGO

GIAMPAOLO VESSELLA

Maestro titular do Coro do
Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Radio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



© BRUNO SIMÃO

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

FICHA TÉCNICA

© BRUNO SIMÃO



CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro titular

Giampaolo Vessella

Maestro assistente

Kodo Yamagishi

Sopranos

Ana Cosme
Ana Luísa Silva
Ana Serro
Ana Sofia Franco
Angélica Neto
Carmen Matos
Carolina Raposo
Cecília Rodrigues
Filipa Lopes
Isabel Biu
Maria Luísa Brandão
Patrícia Ribeiro
Raquel Alão
Sandra Lourenço Santos
Sónia Alcobaça

Meio-sopranos

Ana Ferro
Ana Rita Cunha
Ana Serôdio
Ângela Roque
Antónia Ferraz de Andrade
Cândida Simplício
Conceição de Sousa
Inês Medeiros
Jacinta Albergaria
Maria Anjo Albuquerque
Luísa Tavares
Leila Moreso
Madalena Paiva Boléo
Manuela Teves
Natália Brito
Rita Coelho
Susana Moody

Tenores

Alberto Lobo da Silva
Alexandre S. David
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho
Diocleciano Pereira
Francisco Lobão
João Cipriano
João Queiroz
João Rodrigues
Mário Silva
Nuno Cardoso
Rui Pedro Antunes
Victor Carvalho

Baixos

André Soares
Carlos Pedro Santos
Ciro Telmo Martins
Costa Campos
Enrico Caporiondo
Frederico Santiago
João Oliveira
Leandro Silva
Luís Mayer-Bento
Nuno Dias
Rodrigo Lins
Simeon Dimitrov
Tiago Navarro

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Maestro titular

Antonio Pirolli

I Violinos

Alexis Hatch
Alexander Stewart
Leonid Bykov
Alexander Mladenov
António Figueiredo
Hasmik Duarte
Margareta Sandros
Nicholas Cooke
Iskrena Yordanova
Ewa Michalska
Anabela Guerreiro
Olívia Edmundson Andrade*
Regina Stewart
Nonna Manitcheva*

II Violinos

Paula Carneiro
Nariné Dellalian
Tomás Soares
David Ascensão
Katarina Majewska
Witold Dziuba
Slawomir Sadlowski
Tomás Costa
Flávia Marques
Inna Calori
Kamelia Dimitrova
Carmélia Silva

Violas

Pedro Saglimbeni Muñoz
Ceciliu Isfan
Irma Skenderi
Isabel Pereira
Etelka Dudas
Ventzislav Grigorov
Vladimir Demirev
Sandra Moura
Maria Inês Monteiro
Leonor Fleming*

Violoncelos

Alexandre Alvarez
Hilary Alper
Carolina Matos
Luís Clode
Emídio Coutinho
João Matos
Diana Savova
Daniela Brito*

Contrabaixos

Diogo Pereira
Duncan Fox
Pedro Bettencourt
José Mira
João Diogo
Rafael Aguiar

Flautas

Inês Pinto
Ana Baganha (Picc.)
Leonardo Coelho* (Picc.)
Rui Matos (Fl. Alt.)

Oboés

João Barroso
Luís Marques
Elizabeth Kicks (C.i.)

Clarinetes

Francisco Ribeiro
Cândida Oliveira
Joaquim Ribeiro (CIMib)
Jorge Trindade (CIB)

Reforços*

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Fagotes

Carolino Carreira
Roberto Erculiani
David Harrison
Joana Maia (Cfg)

Trompas

Ravel / Mozart
Laurent Rossi / Luís V.
Carlos Rosado / Tracy N.
Luís Vieira
Tracy Nabais

Trompetes

Ravel / Mozart
António Quítalo / Jorge A.
Latchezar Goulev / Pedro M.
Jorge Almeida
Pedro Monteiro

Trombones

Jarrett Butler
Vítor Faria
Joaquim Rocha (trbnB)

Tuba

Ilídio Massacote

Tímpanos

Elizabeth Davis / André Castro

Percussão

André Castro (Ravel)
Pedro Silva
Lídio Correia
Cristiano Rios*
Tiago Rocha*
João Gomes*
Marco Fernandes*
Daniel Pinheiro*

Harpa

Carmen Cardeal
Rebeca Csalog*

Celesta

Nuno Lopes

Reforços*

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Conceição Amaral *Presidente*

Sofia Meneses *Vogal*

Direção Artística

Pedro Amaral

Bilheteira São Carlos na Boa Hora

Largo da Boa Hora, n.º 12

1200-289 Lisboa

+351 935 590 196

+351 213 253 045/6

reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira online (BOL)

Pode adquirir os seus bilhetes online em <https://tnsc.bol.pt>

www.saocarlos.pt



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

idealista

ANTENA 2

